



Knowledge about breast-feeding nursery in a private hospital of Cascavel – PR

Conhecimento acerca da amamentação de puérperas internadas em um hospital particular de Cascavel – PR



Morgana Gris Zago^{1*}, Caroline Lima Zanatta Maciel²

¹ Nutricionista formada pelo Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG.

² Engenheira de Alimentos. Nutricionista, Mestre em Ambiente e desenvolvimento e Professora do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG.

Original article

ARTICLE INFO

Article history:

Received 11 July 2020

Revised 31 July 2020

Accepted 05 August 2020

Available online 29 September 2020

Blind reviews

Keywords:

Breastfeeding

Pregnant

Nutritional

ABSTRACT

Maternal feeding and lifestyle directly influence children's health. This enables a significant development of the child and offers several benefits to the mother. The present study aimed to evaluate the knowledge about breastfeeding of mothers admitted to a private hospital in Cascavel - PR, to subsequently evaluate the result of the data obtained and identify the aspects that need improvement. The study was conducted in a cross-descriptive manner and evaluated a group of women through a questionnaire that addressed the issue 'breastfeeding'. Sixty puerperal women were evaluated, and it was possible to verify that 58% of them had previously breastfed; 62% received guidance on breastfeeding; only 15% performed nutritional monitoring; 80% breastfed their children immediately after birth; 78.3% intended to breastfeed on demand; 100% believe that breast milk offers immunity and nutrition to babies; while 85% do not believe in the theory of weak milk and report that emotional state can influence breastfeeding. Given these results, a greater dissemination of information and guidance on breastfeeding and its benefits is suggested.

RESUMO

A alimentação e o estilo de vida materno influenciam diretamente na saúde da criança. Isso possibilita um desenvolvimento significativo da criança, além de oferecer diversos benefícios à mãe. O presente trabalho teve por objetivo avaliar o conhecimento acerca da amamentação de puérperas internadas em um hospital privado de Cascavel – PR, para, posteriormente, avaliar o resultado dos dados obtidos e identificar os aspectos que necessitam de melhoria. O estudo foi realizado de forma transversal-descritiva e avaliou um grupo de mulheres por meio de um questionário que abordou o assunto 'amamentação'. Foram avaliadas 60 puérperas, sendo possível verificar que 58% delas já amamentaram anteriormente; 62% receberam orientações acerca da amamentação; apenas 15% realizaram acompanhamento nutricional; 80% amamentaram seus filhos imediatamente após o nascimento; 78,3% tiveram a intenção de amamentar em livre demanda; 100% acreditam que o leite materno oferece imunidade e nutrição aos bebês; enquanto 85% não acreditam na teoria do leite fraco e relatam que o estado emocional pode influenciar o aleitamento materno. Diante desses resultados, sugere-se uma maior disseminação de informação e orientações acerca do ato de amamentar e seus benefícios.

Palavras-chave:

Aleitamento materno

Gestante

Nutricional

* Corresponding author at:

morganag.zago@gmail.com;

<https://orcid.org/0000-0003-0058-1645>

1. Introdução

De acordo com Almeida e Silva (2008), o puerpério é um período entre o parto e seis semanas após, sendo um período considerado de riscos para alterações fisiológicas e psicológicas, tornando-se essenciais os cuidados para prevenção de complicações, conforto físico e emocional e educação em saúde. As ações educativas devem ser permeadas por escuta sensível, empatia, acolhimento e valorização das especificidades das mulheres que sabidamente são influenciadas por expectativas sociais relativas à maternidade.

O puerpério é considerado complexo para a mulher, pois há uma variedade de alterações hormonais, físicas e emocionais que podem afetar seu bem-estar, relacionamento e sua sexualidade. Parafraseando Rezende e Montenegro (2003), a chegada de um bebê requer novos aprendizados, consolidação da unidade familiar e a criação de laços afetivos.

Durante o puerpério, a mulher está se recuperando e, em seu corpo, acontecem modificações fisiológicas e mentais. Nesse período, o neonato necessita de aleitamento materno, como afirma artigo do Ministério da Saúde (2009, n.p.), “a amamentação é um excelente exercício para o desenvolvimento da criança, protegendo contra doenças infecciosas e respiratórias”. Nesse mesmo documento, existem dicas e exposição de informações científicas acerca da amamentação, evidenciando os benefícios para a saúde da mulher e da criança, sendo necessário acompanhamento de saúde, propiciando informações para que este ato seja realizado corretamente. Quando há dificuldade no aleitamento, a mulher deve ser atendida e verificada a situação.

No período do aleitamento materno, pode-se afirmar, consoante ao estudo de Calil e Falcão (2003), que o leite materno é adequado a todas as necessidades do neonato, devendo ser inserido na primeira hora pós-parto, visto que a composição do leite materno é variável de acordo com a fase da lactação, hora do dia, tempo da mamada, nutrição materna e variações individuais. As etapas são chamadas de colostro, leite de transição e leite maduro. Segundo Souza (2010), o neonato deve ser alimentado exclusivamente com leite materno até o sexto mês de vida, pois o leite materno supre as necessidades do bebê até este período, uma vez que transmite anticorpos que auxiliam na imunidade, evitando doenças, possibilitando um desenvolvimento significativo e menos riscos de hipertensão, diabetes, obesidade e colesterol alto.

Outra questão benéfica da amamentação até o sexto mês se refere à mulher, uma vez que diminui o risco de câncer de mama e beneficia a recuperação uterina. Certamente, em exceções, cabe uma avaliação médica. A amamentação ainda reduz o risco de hemorragia no pós-parto, auxilia na rápida recuperação do peso anterior à gestação, maior espaçamento entre partos e diminuição de risco de certos tumores (OLIVEIRA, 2011).

Existem crenças acerca deste assunto, entretanto, Euclides (2000) e diversos outros autores, reforçam que não há leite fraco, pois este é produzido pela mãe especificamente para a necessidade de seu bebê e é o alimento mais completo que a criança poderá receber. Apesar de crenças errôneas, podemos nos basear em afirmações científicas de que os benefícios da amamentação vão desde questões fisiológicas até emocional, uma vez que o ato de amamentar supre questões emocionais tanto da mãe quanto da criança. Conforme afirma Fonseca (2002), informações incorretas, incompletas ou sem embasamento científico podem contribuir para conflitos, como o desmame precoce.

Quanto às orientações, estas fazem a diferença para o aleitamento de forma correta e posterior desenvolvimento da criança. A transmissão de informação para puérperas que estão em fase de lactação torna-se essencial para que elas manejem de forma coerente o momento da amamentação, posição, higiene e, por outro lado, quanto à alimentação da mulher e aos benefícios dos hábitos para que sua saúde esteja sendo atendida. Sabemos que pode haver adversidades, sendo este atendimento o papel da Unidade Básica de Saúde e orientações nutricionais como imprescindíveis, visando tanto à saúde do neonato quanto da mulher (MONTEIRO, 2007).

Figueiredo, Mattar e Abrão (2013) afirmam que mesmo as mulheres com orientação ou prática precisam de apoio contínuo e de incentivo à amamentação. Visualizamos que estes autores compreendem a questão tanto de vínculo quanto os fatores fisiológicos mãe/criança. O Ministério da Saúde (BRASIL, 2009) reconhece que há situações em que há exceções e necessidade de substituir parcial ou totalmente o leite materno, como quando a mãe está infectada pelo vírus HIV ou em tratamentos de saúde, como quimioterapia.

Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo a avaliação do conhecimento em relação ao aleitamento materno de puérperas internadas na maternidade de um hospital privado de Cascavel – PR.

2. Metodologia

O estudo tem caráter transversal-descritivo, que é caracterizado, segundo Gil (1991), como aquele que tem o objetivo de estudar as características de um determinado grupo específico. A população do estudo foi composta por mulheres, logo após o parto, internadas em um hospital particular na cidade de Cascavel – PR, mais especificamente na ala do SUS (Sistema Único de Saúde), na faixa etária entre 16 e 41 anos.

A coleta de dados foi realizada no mês de agosto de 2019. Os dados foram coletados após transmissão do objetivo do trabalho, aceitação por parte das mulheres pesquisadas e então assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz sob parecer nº 3.457.730.

Os dados pessoais das puérperas foram coletados através de prontuários do hospital, carteirinha de acompanhamento pré-natal e entrevista na beira do leito com aplicação de um questionário. Para avaliação do conhecimento sobre amamentação, foi aplicado o modelo, adaptado, do questionário de amamentação, autenticado por Escarce, Araújo, Friche e Motta (2013) e Santana, Brito e Santos (2013), desenvolvido para puérperas, objetivando obter informações acerca da mulher, idade, profissão e posteriormente adentrando em questões sobre amamentação.

Os dados obtidos foram analisados na planilha Microsoft Office® *Excel* e expressos com média e porcentagem (%), através da elaboração de um banco de dados. Já os dados subjetivos que contemplavam as questões abertas foram discutidos e correlacionados com outros trabalhos similares a este.

3. Resultados e discussão

Foram coletadas informações de 60 puérperas, com idade entre 16 e 41 anos. Verificou-se que a maioria era casada

(38,3%), com escolaridade a nível de ensino médio completo (48,3%) e trabalhava fora (53,3%).

Inicialmente, foi possível analisar quantas mulheres tinham experiência com amamentação, diante de ter passado por esta situação anteriormente. Das entrevistadas, 35 mulheres tiveram filhos e amamentaram anteriormente, e 25 não tiveram filhos nem amamentaram antes. Todas as mulheres que afirmaram não ter a experiência da amamentação anteriormente foi pelo fato de não terem gestado antes, ou seja, terem o primeiro filho neste momento. Já as que tiveram filhos anteriormente, na totalidade delas, conseguiram realizar o aleitamento.

Em um estudo realizado por Maciel e Silva (2019), no qual também se verificou a prática da amamentação, encontrou-se que, das mulheres que já tinham gestado, 88% delas conseguiu amamentar e 12% não amamentaram, resultados inferiores aos encontrados neste estudo.

Em sua pesquisa, Marques, Cotta e Araújo (2009) relataram questões emocionais entre mães e filhos propiciando o reforço para o ato de amamentar. Eles obtiveram alguns dados convergentes com os verificados nesta pesquisa, como a existência de dúvidas, angústias, mitos e crenças que podem refletir negativamente na amamentação, verificando a necessidade da atuação de profissionais da saúde para promover atos a favor do aleitamento.

Ao analisar se as mulheres receberam orientações acerca do assunto ‘amamentação’ durante a gestação, foi verificado que 37 foram orientadas, enquanto 23 não receberam orientações e informações (figura 1).

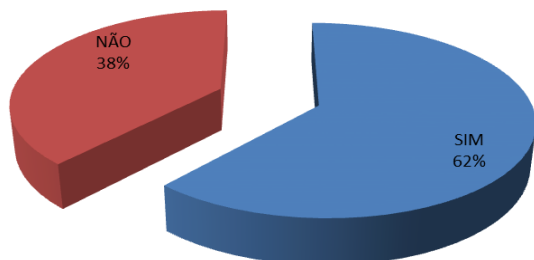


Figura 1. Mulheres que receberam orientações sobre amamentação na gestação. Fonte: Dados coletados da pesquisa (2019).

Em uma pesquisa realizada por Nakano (2003), percebeu-se que as mulheres com baixa escolaridade e em vulnerabilidade social tinham pouca ou nenhuma orientação sobre amamentação, visto as condições em que viviam e o difícil acesso à Unidade Básica de Saúde. Tal aspecto, sem dúvida, influencia negativamente esse quadro, uma vez que as necessidades básicas da gestante não são atendidas, possibilitando um contexto de desinformação.

Considerando que mais da metade das mulheres recebeu orientação sobre amamentação nesta pesquisa, pode-se acreditar que o acesso à informação está se tornando mais fácil e possível para todas as classes. Por outro lado, diante dos resultados encontrados por Nakano (2003) e nesta pesquisa (38% não receberam informações), pode-se afirmar que o conhecimento sobre amamentação ainda não atinge todas as mulheres, tornando evidente a necessidade de que os órgãos de saúde e assistência social intensifiquem as suas ações frente ao incentivo e manejo da amamentação.

Ao levantar o acompanhamento nutricional durante a gestação, verificou-se que apenas 15% das entrevistadas receberam este acompanhamento (figura 2).

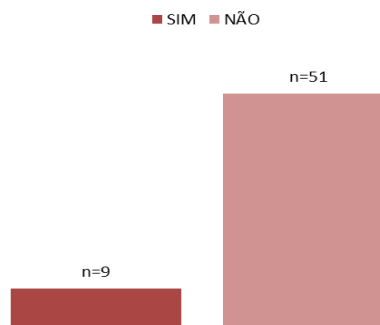


Figura 2. Mulheres que receberam acompanhamento nutricional durante a gestação. Fonte: Dados coletados da pesquisa (2019).

Em um estudo feito por Santos, Mamede, Clapis e Bernardi (2006), identificou-se que 37,6% mulheres receberam acompanhamento nutricional. Ainda na pesquisa citada, ficou evidente que as gestantes que receberam orientações nutricionais tiveram uma evolução de ganho de peso mais adequado quando comparadas com as que não receberam. Outros dois estudos realizados por Lisboa, Bittencourt, Santana e Santos (2017) e Maciel e Silva (2019) encontraram resultados similares aos deste trabalho, sendo que 91,8% e 87,7% não receberam acompanhamento nutricional, respectivamente.

Corroborando Parizzi e Fonseca (2010) que afirmam que a manutenção da saúde nutricional da gestante é essencial, é importante que o acesso acerca da alimentação na gestação seja facilitado, além de um acompanhamento nutricional mais próximo e frequente às mulheres com patologias associadas à gestação, como anemia ferropriva, diabetes gestacional, hipertensão ou que estão ganhando peso inadequado.

Durante o estudo, foi levantada a incidência da oferta da primeira mamada para o bebê, verificando que a maioria das mulheres (80%) amamentaram imediatamente após o nascimento, enquanto 18,3% ofereceram o peito entre duas e seis horas após o parto, e 3,3% delas amamentaram suas crianças somente após seis horas do nascimento (figura 3).

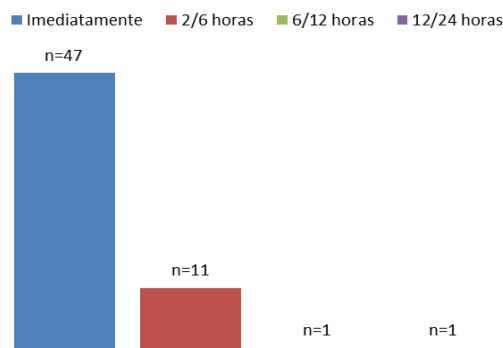


Figura 3. Tempo da primeira mamada do neonato. Fonte: Dados coletados da pesquisa (2019).

Em um estudo realizado por Pillegi *et al.* (2008) na Maternidade do Hospital Israelita Albert Einstein, com o intuito de identificar a prevalência e os fatores limitantes da amamentação na primeira hora de vida do recém-nascido, foi possível verificar que 45,6% das crianças não foram

amamentadas na primeira hora de vida devido a fatores limitantes, enquanto 54,3% dos recém-nascidos receberam leite materno logo após o nascimento, resultados divergentes da presente pesquisa, na qual a maioria das puérperas, 48 das 60 entrevistadas, amamentaram imediatamente após o nascimento.

A primeira mamada, de acordo com Hergessel e Lohmann (2008), deve ser em média aos 40 minutos de vida, sendo importante para a questão nutricional e do vínculo entre mãe e filho. Verificando a pesquisa de Assunção *et al.* (2007), níveis de anemia e hipoglicemia foram encontrados em crianças que demoraram mais que uma hora para serem amamentadas, tornando preocupante o quadro de saúde destes neonatos. Mesmo sabendo que, neste estudo, a maior parte das mulheres ofereceu o peito logo após o nascimento, é aceitável que haja ainda mais orientações sobre este tempo da primeira mamada, além do incentivo deste vínculo nos primeiros momentos/minutos de vida. Outra questão relevante referente à amamentação é a frequência na qual a criança deve ser amamentada. Foi verificado nesta pesquisa que a maioria das mulheres (78,3%) teve intenção de amamentar em livre demanda, e 21,7% querem restringir os horários das mamadas, conforme ilustra a figura 4.

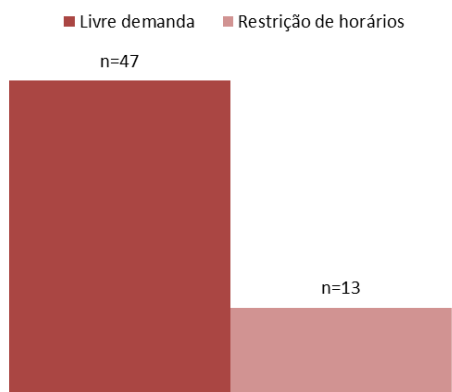


Figura 4. Intenção em relação a frequência/intervalo das mamadas. Fonte: Dados coletados da pesquisa (2019).

Os resultados aqui encontrados mostram que a maioria das mulheres entrevistadas está de acordo com o recomendado pelo Ministério da Saúde (2016), o qual preconiza que os bebês sejam amamentados sem restrições de horários e de duração, garantindo maior êxito na produção de leite materno, pois se sabe que, em média, 80% de sua produção ocorre durante a mamada. Nos primeiros meses, é normal que a criança mame com maior frequência e sem horários regulares. Em geral, um bebê em livre demanda mama de oito a doze vezes ao dia.

As 13 mulheres que responderam não ter a intenção de amamentar em livre demanda receberam orientações das acadêmicas de nutrição, logo após a aplicação do questionário, sobre a importância de respeitar a fome e saciedade do bebê, deixando-o mamar na hora que quiser. A ação praticada nesta pesquisa foi ao encontro do realizado no estudo de Giugliani (2000), que também salientou a importância da amamentação em livre demanda, ou seja, que o bebê permaneça o tempo que necessário for em cada mama e que o número de mamadas seja de acordo com a necessidade.

Informar as lactantes sobre livre demanda é muito importante, pois, quando a criança é amamentada sempre que solicita, ela aprende desde cedo a regular a ingestão de alimentos

conforme a sua fome, correndo menos riscos de sofrer com a obesidade infantil no futuro.

Ao questionar as puérperas a respeito dos benefícios do leite materno como imunidade, nutrição, retorno do útero ao tamanho normal, maior afeto entre mãe e filho e prevenção de uma possível gestação, a maioria (60%) respondeu acreditar que a nutrição e a imunidade da criança são os maiores benefícios que o aleitamento materno pode proporcionar (figura 5). Outra questão relevante, manifestada por 54 das entrevistadas, foi o vínculo entre mãe e filho. Já a minoria delas (20%) respondeu que a amamentação previne gravidez.

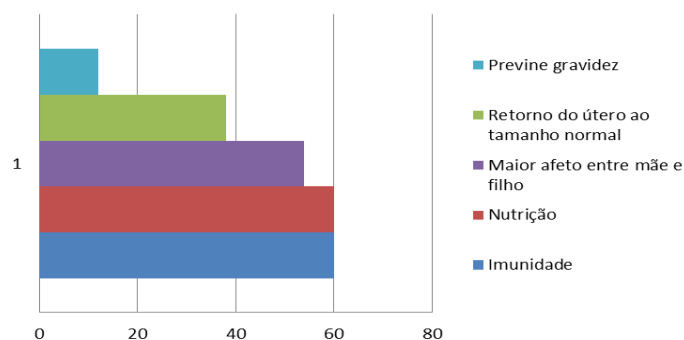


Figura 5. Conhecimento das puérperas acerca dos benefícios do leite materno. Fonte: Dados coletados da pesquisa (2019).

O conhecimento das puérperas acerca dos benefícios da imunidade proporcionada pelo leite materno é salientado por Jones *et al.* (2003), reforçando que o leite materno protege contra infecções e pode evitar aproximadamente 13% das mortes das crianças menores de cinco anos em todo o mundo.

Nesta pesquisa, foi analisado o conhecimento das puérperas acerca da composição do leite materno. Ao serem questionadas se ele pode ou não ser “fraco”, 85% das entrevistadas responderam não acreditar que o leite materno pode ser insuficiente para o bebê, ou seja, acreditam que seja forte, enquanto 15% delas acreditam na teoria do leite fraco, conforme pode ser observado na figura 6.

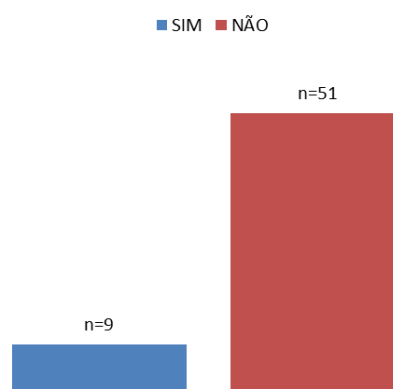


Figura 6. Mulheres quando questionadas se o leite materno pode ser fraco. Fonte: Dados coletados da pesquisa (2019).

Os dados desta pesquisa vão ao encontro dos resultados do estudo realizado por Monteiro, Gomes, Stefanello e Nakano (2011), no qual as participantes também foram questionadas a respeito da percepção do leite produzido, e a maioria delas (71%) acredita que o leite materno é bom (caracterizando-o como forte, que sustenta, suficiente, saudável, nutritivo), e 29% das mulheres referiram que seu leite era ruim (caracterizado fraco, não sustenta, insuficiente, pouco).

Em seu estudo, Gonçalves (2001) observou que a aparência aguada do leite materno, principalmente do colostro, faz com que muitas mulheres considerem seu leite inferior ao leite de vaca, acreditando que o leite materno não seja suficiente para atender às necessidades fisiológicas da criança.

Vale ressaltar a importância de orientar a minoria das mulheres que acreditam na teoria do “leite fraco”, enfatizando que o leite materno contém todos os nutrientes que a criança necessita até os seus seis meses de vida, e é de fácil digestão e mais leve que as fórmulas infantis, por isso, quando a criança está em aleitamento exclusivo, mama mais vezes por dia do que crianças que utilizam fórmulas, fato este que justifica algumas mães acharem que o leite materno é insuficiente para o bebê.

Outra questão levantada nesta pesquisa foi a percepção das mulheres em relação ao estado emocional *versus* produção de leite. Ao serem questionadas se o estado emocional das puérperas interfere na produção do leite, 51 das 60 entrevistadas acreditam que o fator psicológico influencia sim no aleitamento materno, enquanto nove responderam acreditar que o emocional não interfere na produção do leite (Figura 7).

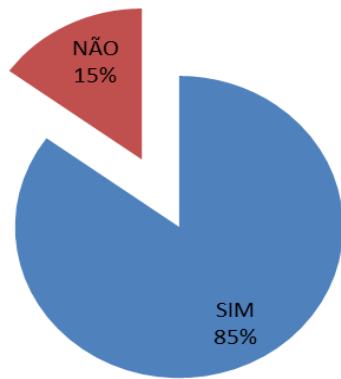


Figura 7. Mulheres quando questionadas se o estado emocional da mãe pode influenciar na produção do leite. Fonte: Dados coletados da pesquisa (2019).

Em seu estudo, Silva *et al.* (2015) vai ao encontro da presente pesquisa, pois desvenda alguns sentimentos vivenciados a partir da amamentação, descrevendo esta fase como um momento único na vida da mulher, que pode acarretar sentimentos múltiplos, os quais variam de uma mulher para outra, dependendo das experiências vivenciadas, podendo ser positivos ou negativos.

Em uma pesquisa realizada, Antunes, Antunes, Corvino e Maia (2008) explicam que o aleitamento materno proporciona à mulher a sensação de estabelecimento de vínculo com o filho, suprimindo o sentimento de vazio em decorrência da separação repentina causada no pós-parto, comprovando que o estado emocional influencia sim na produção de leite materno, como relatam responder a maioria (85%) das entrevistadas. Além das sensações de alegria e felicidade ocasionadas pelo hormônio ocitocina (hormônio liberado durante a descida do leite), a amamentação também pode gerar sentimentos negativos às puérperas, entre eles, insegurança, principalmente em mulheres que não possuem experiência anterior com amamentação, podendo refletir de maneira indesejada nesse período tão importante tanto para a mãe quanto para o bebê.

4. Conclusão

Foi possível verificar que, apesar de a maioria das puérperas não obterem acompanhamento nutricional, o desejo por amamentar é comum, e que a maior parte delas conseguiu amamentar logo nas primeiras horas de vida de seu filho, o que é satisfatório segundo orientações do Ministério da Saúde. Ainda que este trabalho retrate uma parcela das gestantes, percebeu-se que informações sobre aleitamento materno e seus benefícios são levadas para a maioria das mulheres, visto as justificativas sobre a importância para a saúde da mãe e da criança.

Portanto, sugere-se, como estratégia de melhoria, uma maior disseminação de informação, enfatizando ainda mais os benefícios acerca da amamentação, além de orientar e sanar dúvidas sobre a prática e desmistificar as crenças existentes referentes ao aleitamento materno, o que será um fator determinante para a prevalência de uma amamentação eficaz e de qualidade, tanto para a criança quanto para a mãe.

5. Conflitos de interesse

Os autores relatam não haver conflito de interesse.

6. Referências

- ALMEIDA, M.S.; SILVA, I. A. Necessidades de mulheres no puerpério imediato em uma maternidade pública de Salvador. *Ver Esc Enferm, Bahia*, v. 42, n. 2, p. 347-354, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342008000200019>
- ANTUNES, L. S.; ANTUNES, L. A. A.; CORVINO, M. P. F.; MAIA, L. C. Amamentação natural como fonte de prevenção em saúde. *Ciência Saúde Coletiva*, v. 13, n. 1, p. 103-109, 2008. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232008000100015>
- ASSUNÇÃO, M. C. *et al.* Anemia in children under six: population-based study in Pelotas, Southern Brazil. *Revista de Saúde Pública, [S.l.]*, v. 41, n. 3, p. 328-35, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102007000300002>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança. **Nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2009.
- CALIL, Valdenise Martins Laurindo Tuma; FALCÃO, Mário Cícero. Composição do leite humano: o alimento ideal. *Revista de Medicina*, v. 82, n. 1-4, p. 1-10, 2003.
- ESCARCE, A. G.; ARAÚJO, N. G.; FRICHE, A. A. L.; MOTTA, A. R. Influência da orientação sobre aleitamento materno no comportamento das usuárias de um hospital universitário. *Rev. CEFAC, Belo Horizonte*, v. 15, n. 6, p. 1570-1582, 2013. <https://doi.org/10.1590/S1516-18462013000600020>
- ESCARCE, W. *et al.* Acolhimento em um serviço de Atenção Básica à Saúde de Minas Gerais. *Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro, São João del-Rei*, v. 2, n. 2, p. 166-176, 2013. <https://doi.org/10.19175/recom.v0i0.199>
- EUCLYDES, M. P. Aleitamento materno. In: Euclides MP. *Nutrição do lactente: base científica para uma alimentação adequada*. 2ª ed. **Viçosa: Suprema**; 2000. p. 259-346.
- FIGUEREDO, S. F.; MATTAR, M. J. G.; ABRAO, A. C. F. V. Hospital Amigo da Criança: prevalência de aleitamento materno exclusivo aos seis meses e fatores intervenientes. *Rev. esc. enferm.*, São Paulo, v. 47, n. 6, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342013000600006>
- FONSECA, J. A. G. Amamentação: um híbrido natureza-cultura. *J. Pediatr.*, Porto Alegre, v. 80, n. 5, 2002.
- MONTEIRO, JCS; GOMES, FA; NAKANO, AMS. **Percepção das mulheres acerca do contato precoce e da amamentação em sala de parto**. *Acta paul. enferm.* [online]. 2006, vol.19, n.4, pp.427-432. ISSN 1982-0194. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002006000400010>.
- GIL, A. R. **Método Científico em Pesquisas Acadêmicas**. São Paulo: Guanabara, 1991.
- GIUGLIANI, E. R. J. O Aleitamento materno na prática clínica. *J. Pediatr.*, Rio de Janeiro, v. 76, n. 3, p. 238-252, 2000.

- GONÇALVES, A. C. **Crenças e práticas da nutriz e seus familiares no aleitamento materno**. Dissertação (Mestrado em Nutrição) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- HERGESSEL, N. M.; LOHMANN, P. M. **Aleitamento materno na primeira hora após o parto**. Centro Universitário Univates, Lajeado, 2018.
- JONES, G. *et al.* How many child deaths can we prevent this year?. **Lancet**, [S.l.], v. 362, p. 65-71, 2003.
- LISBOA, C. S.; BITTENCOURT, L. J.; SANTANA, J. M.; SANTOS, D. B. Assistência nutricional no pré-natal de mulheres atendidas em unidades de saúde da família de um município do Recôncavo da Bahia: um estudo de coorte. **Demetra**, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 713-731, 2017. DOI: 10.12957/demetra.2017.28439
- MACIEL, C. L. Z.; SILVA, A. C. Avaliação do conhecimento da mãe em relação ao aleitamento materno em um hospital privado de Cascavel – PR. In: XIII SEMANA DA NUTRIÇÃO E III NUTRINDO SABERES, 13., 2019, Cascavel. **Anais [...]**. Cascavel: FAG, 2019. <https://doi.org/10.35984/fjh.v0i0.47>
- MARQUES, E. S.; COTTA, R. M. M.; ARAÚJO, R. M. A. Representações sociais de mulheres que amamentam sobre a amamentação e o uso de chupeta. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 62, n. 4, p. 562-569, 2009.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Biblioteca Virtual em Saúde. **Amamentação**. Publicado em 08/05/2016. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/dicas-em-saude/2415-amamentacao>. Acesso em: 01 set. 2019.
- MONTEIRO, J. C. S.; GOMES F. A., STEFANELLO, J., NAKANO, A. M. S. Leite produzido e saciedade da criança na percepção da nutriz durante o aleitamento materno exclusivo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 359-67, 2011.
- NAKANO, A. M. S. As vivências da amamentação para um grupo de mulheres: nos limites de ser “o corpo para o filho” e de ser “o corpo para si”. **Cad Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 355-363, 2003. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000800017>.
- OLIVEIRA, Kátia Andréia de. **Aleitamento materno exclusivo até seis meses de vida do bebê: benefícios, dificuldades e intervenções na Atenção Primária à Saúde**. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Medicina. Núcleo de Educação em Saúde Coletiva. Conselho Lafaiete, 2011.
- PARIZZI, Márcia Rocha; FONSECA, João Gabriel Marques. Nutrição na gravidez e na lactação. **REVISTA MÉDICA DE MINAS GERAIS-RMMG**, v. 20, n. 3, 2010.
- PILLEGI, M. C. *et al.* A amamentação na primeira hora de vida e a tecnologia moderna: prevalência e fatores limitantes. **Einstein**, [S.l.], v. 6, n. 4, p. 467-472, 2008.
- REZENDE, J.; MONTENEGRO, C. A. B. O ciclo gestatório normal. **Obstetrícia fundamental**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- SANTANA J. M.; BRITO S. M.; SANTOS D. B. Amamentação: conhecimento e prática de gestantes. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 259-267, 2013.
- SANTOS, L. A.; MAMEDE, F. V.; CLAPIS, M. J.; BERNARDI, J. V. B. Orientação nutricional no pré-natal em serviços públicos de saúde no município de ribeirão preto: o discurso e a prática assistencial. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 5, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692006000500008>.
- SILVA, C. M. S. *et al.* A. Sentimentos e vivências maternas associadas ao processo de amamentação. **Rev. Enferm. UFPE**, Recife, v. 9, n. 8, p. 9343-51, 2015. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002011000500005>.
- SOUZA, Elaine Angélica Canuto Sales. **Reflexões acerca da amamentação: uma revisão bibliográfica**. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Medicina. Núcleo de Educação em Saúde Coletiva. Belo Horizonte, 2010.